

UMBANDA, SINCRETISMO E RESISTÊNCIA: ESTRATÉGIAS CULTURAIS NA HERANÇA AFRO-BRASILEIRA NO NORDESTE

Kaylan de Almeida Silva

Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: kaylan@alunos.uneal.edu.br

Resumo

Este artigo analisa as religiosidades afro-indígenas (Umbanda, Jurema Sagrada, Quimbanda) no Nordeste brasileiro como manifestações de sincretismo e resistência cultural. A partir de revisão bibliográfica e diálogo com autores como Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Viveiros de Castro, Sueli Carneiro, Luiz Rufino, Renato Nogueira, Luiz Assunção e Vagner Gonçalves da Silva, investiga-se como essas práticas, em constante interação com o catolicismo popular, constituem estratégias de afirmação identitária e enfrentamento ao racismo e epistemicídio. Discute-se o sincretismo não como fusão passiva, mas como agência cultural e tradução. Analisa-se como as cosmologias, rituais e práticas de cuidado funcionam como tecnologias espirituais de resistência, preservação da memória ancestral e produção de saberes contra-hegemônicos. Conclui-se que essas religiosidades são espaços vitais de re-existência, com dimensões epistêmicas e políticas fundamentais para a compreensão da herança afro-brasileira e das lutas contemporâneas por reconhecimento.

Palavras-chave: Religiosidade afro-indígena; Sincretismo; Resistência cultural.

Abstract

This article analyzes Afro-Indigenous religions (Umbanda, Jurema Sagrada, Quimbanda) in Northeast Brazil as manifestations of syncretism and cultural resistance. Based on a literature review and dialogue with authors such as Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Viveiros de Castro, Sueli Carneiro, Luiz Rufino, Renato Nogueira, Luiz Assunção, and Vagner Gonçalves da Silva, it investigates how these practices, in constant interaction with popular Catholicism, constitute strategies for identity affirmation and confrontation against racism and epistemicide. Syncretism is discussed not as passive fusion, but as cultural agency and translation. It analyzes how cosmologies, rituals, and care practices function as spiritual technologies of resistance, preservation of ancestral memory, and production of counter-hegemonic knowledge. The conclusion is that these religions are vital spaces of re-existence, with fundamental epistemic and political dimensions for understanding the Afro-Brazilian heritage and contemporary struggles for recognition.

Keywords: Afro-Indigenous religiosity; Syncretism; Cultural resistance.

Introdução

A formação sociocultural brasileira é marcada por uma complexa trama de encontros, desencontros, conflitos e negociações entre diferentes matrizes culturais, notadamente a indígena, a africana e a europeia. No cerne dessas interações, as religiosidades emergem como espaços privilegiados de expressão identitária, ressignificação de tradições e elaboração de estratégias de sobrevivência e resistência frente aos processos históricos de colonização, escravização e marginalização. Este artigo debruça-se sobre a riqueza e a complexidade da herança afro-brasileira, com foco particular no contexto do Nordeste, analisando a Umbanda, a Jurema Sagrada e a Quimbanda não apenas como sistemas religiosos, mas como potentes manifestações de sincretismo e resistência cultural.

O tema central que norteia esta investigação é a análise das estratégias culturais mobilizadas por essas religiosidades de matriz africana e indígena, em diálogo constante e, por vezes, tenso com o catolicismo popular, para a manutenção e reinvenção de suas identidades e práticas em um cenário historicamente adverso. A Umbanda, frequentemente associada ao Sudeste, revela no Nordeste facetas singulares, dialogando intensamente com a Jurema Sagrada, de profundas raízes indígenas e africanas, e com a Quimbanda, muitas vezes estigmatizada, mas que compõe esse mosaico de saberes e práticas espirituais. Compreender essas dinâmicas exige um olhar atento às especificidades regionais e às formas como o sincretismo se manifesta não como simples fusão, mas como um processo contínuo de agência, tradução e criação cultural (ASSUNÇÃO, 2009; RUFINO, 2020).

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar como a Umbanda, a Jurema Sagrada e a Quimbanda, em suas expressões nordestinas, constituem espaços de resistência cultural e epistêmica. Buscaremos compreender como suas cosmologias, rituais e práticas de cuidado e proteção, muitas vezes associadas à magia, funcionam como estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e ao epistemicídio (CARNEIRO, 2019), que historicamente buscaram silenciar e subalternizar os saberes afro-indígenas. Para tanto, mobilizaremos um referencial teórico que articula as contribuições de autores que pensam as epistemologias do Sul e a cosmopolítica (SANTOS, 2014; VIVEIROS DE CASTRO, 1996), o pensamento afro-brasileiro e a filosofia africana (RUFINO, 2017; NOGUEIRA, 2011), a crítica ao racismo e ao epistemicídio (CARNEIRO, 2019) e estudos específicos sobre as religiosidades em questão no Nordeste (ASSUNÇÃO, 2009; SILVA, 1994).

Estruturalmente, o artigo inicia com esta introdução, seguida por uma seção dedicada ao referencial teórico, onde aprofundaremos os conceitos-chave que fundamentam nossa análise. Posteriormente, exploraremos as manifestações da Umbanda, Jurema Sagrada e Quimbanda no Nordeste, destacando suas interconexões, o diálogo com o catolicismo popular e suas práticas culturais específicas. Em seguida, discutiremos como essas religiosidades operam enquanto estratégias de resistência cultural na herança afro-brasileira. Por fim, apresentaremos as considerações finais, sintetizando os argumentos e apontando a relevância do estudo para a compreensão das dinâmicas socioculturais e políticas no Brasil contemporâneo. A metodologia baseia-se na revisão bibliográfica, contemplando autores relevantes para o tema e para o contexto nordestino, buscando uma análise crítica e fundamentada.

Referencial Teórico

Para compreender as dinâmicas do sincretismo e da resistência cultural presentes na Umbanda, Jurema Sagrada e Quimbanda no Nordeste brasileiro, é fundamental mobilizar um arcabouço teórico que dialogue com as complexidades epistêmicas e políticas dessas manifestações. Este referencial articula pensadores que desafiam as narrativas hegemônicas eurocêntricas e oferecem ferramentas para analisar as cosmologias e práticas afro-indígenas como saberes legítimos e estratégias de re-existência.

Partimos das contribuições de Boaventura de Sousa Santos (2014) e suas “Epistemologias do Sul”. Santos (2014) propõe um deslocamento do olhar, valorizando os conhecimentos nascidos nas lutas sociais e experiências daqueles que foram sistematicamente subalternizados pelo colonialismo e pelo capitalismo global. A noção de “ecologia de saberes” é central, defendendo o reconhecimento da pluriversalidade de conhecimentos e a necessidade de diálogo entre diferentes epistemes, incluindo aquelas produzidas fora do cânone científico ocidental. Isso se conecta à ideia de “pensamento abissal”, que marca a divisão radical entre as experiências metropolitanas e coloniais, tornando invisíveis e inexistentes os saberes e as vidas do “outro lado da linha”. Analisar as religiões afro-indígenas sob essa ótica implica reconhecê-las não como meras “crenças” ou “superstições”, mas como sistemas complexos de conhecimento, com suas próprias racionalidades, tecnologias espirituais e visões de mundo, que foram historicamente relegadas à condição de não-conhecimento.

A perspectiva de Eduardo Viveiros de Castro (1996) sobre o “perspectivismo ameríndio” oferece outra lente crucial. Ao estudar cosmologias indígenas amazônicas, Viveiros de Castro (1996) demonstra como, para muitos desses povos, o mundo é habitado por diferentes tipos de sujeitos (humanos e não-humanos) que apreendem a realidade a partir de pontos de vista distintos. O que varia não é a representação do mundo, mas o próprio mundo que se apresenta a cada espécie de ser. Essa ontologia relacional e transformacional desafia a dicotomia natureza/cultura ocidental e nos ajuda a compreender as relações fluidas entre humanos, espíritos, animais e plantas presentes nas cosmologias afro-indígenas, onde a metamorfose e a comunicação interespécies são elementos centrais das práticas rituais e de cura.

Essa valorização de outros modos de conhecer e ser encontra eco na crítica ao “epistemicídio” formulada por Sueli Carneiro (2019). Carneiro (2019), a partir do pensamento feminista negro, denuncia como o racismo estrutural opera não apenas pela violência física e exclusão social, mas também pela negação e destruição sistemática dos saberes produzidos pela população negra. O epistemicídio é, assim, um componente fundamental da dominação racial, que busca impor uma única visão de mundo e deslegitimar as contribuições intelectuais, culturais e espirituais afro-brasileiras. Reconhecer a Umbanda, a Jurema e a Quimbanda como espaços de resistência implica, portanto, confrontar esse processo de apagamento e afirmar a validade e a potência desses saberes ancestrais.

Nesse sentido, as elaborações de Luiz Rufino (2017, 2020) sobre a “pedagogia das encruzilhadas” e o “encantamento” são particularmente relevantes. Rufino (2017), inspirado nas cosmologias de matriz africana, pensa a encruzilhada não como lugar de

perdição, mas como espaço de encontro, multiplicidade, comunicação e potência criadora. A pedagogia que daí emerge valoriza a experiência, o corpo, a oralidade e a relação com a ancestralidade como fontes de conhecimento. O “encantamento” (RUFINO, 2020) surge como uma política de vida, uma forma de re-existir que mobiliza a magia, a festa e a espiritualidade como tecnologias de enfrentamento às necropolíticas e ao desencantamento do mundo promovido pela modernidade colonial. Essas ideias dialogam diretamente com as práticas de cuidado, proteção e resistência encontradas nas religiões afro-indígenas nordestinas.

Complementarmente, o trabalho de Renato Nogueira (2011) sobre o “afroperspectivismo” e a filosofia africana, incluindo o conceito de “Ubuntu” (eu sou porque nós somos), reforça a importância de abordagens filosóficas que partem das experiências e cosmovisões africanas e afro-diaspóricas. O afroperspectivismo busca descolonizar o pensamento e oferecer alternativas éticas e ontológicas baseadas na comunidade, na ancestralidade e na relação intrínseca entre o ser humano e o cosmos.

O conceito clássico de sincretismo, amplamente debatido por autores como Roger Bastide (1978) e revisitado por pesquisadores das religiões afro-brasileiras (PRANDI, 2001; SILVA, 2000), precisa ser tensionado à luz dessas novas perspectivas. Se, por um lado, o sincretismo pode ser visto como estratégia de sobrevivência e camuflagem em contextos de perseguição (como a associação de orixás a santos católicos), por outro, ele não deve ser reduzido a uma simples mistura ou perda de pureza. Conforme aponta Assunção (2009) ao analisar a Jurema, trata-se de um processo dinâmico de agência cultural, onde elementos são re-elaborados e ressignificados, criando novas configurações religiosas e identitárias. A análise de Campos e Rodrigues (2013) sobre a religiosidade afro-indígena no Nordeste também contribui para complexificar essa noção, evidenciando as interpenetrações e as especificidades dessas tradições na região.

Este referencial teórico, portanto, busca fornecer as bases para uma análise que reconheça a complexidade, a agência e a dimensão político-epistêmica das religiosidades afro-indígenas no Nordeste, compreendendo-as como espaços vitais de produção de conhecimento, cuidado, resistência e encantamento frente aos desafios históricos e contemporâneos.

Umbanda, Jurema e Quimbanda no Nordeste: Sincretismo e Práticas Culturais

O Nordeste brasileiro configura-se como um território de efervescência religiosa singular, onde as heranças indígenas, africanas e europeias se entrelaçaram de maneiras particulares, forjando um complexo mosaico de crenças e práticas. Diferentemente de outras regiões do Brasil, a presença indígena manteve-se mais visível e atuante na composição das religiosidades populares, estabelecendo um diálogo profundo e contínuo com as tradições africanas e o catolicismo popular. Nesse cenário, a Umbanda, a Jurema Sagrada e a Quimbanda coexistem, se influenciam e se reconfiguram, expressando a riqueza e a complexidade da herança afro-indígena e suas estratégias de adaptação e resistência.

A Jurema Sagrada, também conhecida como Catimbó em algumas localidades, ocupa um lugar central nesse panorama. Suas raízes mergulham nas cosmologias dos povos originários do Nordeste, para quem a Jurema (*Mimosa hostilis*) é uma planta de poder, veículo de comunicação com o mundo espiritual e fonte de cura e conhecimento. Como aponta Luiz Assunção (2009), a Jurema é mais do que uma prática ritualística; é um

complexo cosmológico que articula saberes sobre a mata, os encantados, os mestres e mestras ancestrais. Ao longo da história, a Jurema incorporou elementos africanos, como a presença de entidades espirituais e ritmos percussivos, e também dialogou com o catolicismo, ressignificando santos e orações em seu universo simbólico. Os rituais da Jurema envolvem o uso da bebida sagrada, cantos (toadas), defumações e o trabalho com entidades espirituais – os Mestres e Mestras da Jurema, Caboclos e Encantados – que oferecem conselhos, curas e proteção, atuando como guardiões de saberes ancestrais e agentes de cuidado comunitário.

A Umbanda, embora frequentemente associada ao seu desenvolvimento no Sudeste no início do século XX, encontrou no Nordeste um terreno fértil para se expandir e se transformar, dialogando intensamente com a Jurema preexistente. A Umbanda nordestina muitas vezes se apresenta de forma mais integrada às práticas locais, absorvendo elementos do Catimbó/Jurema e do catolicismo popular de maneira fluida. As figuras dos Caboclos (espíritos indígenas) e Pretos-Velhos (espíritos de antigos escravizados africanos), centrais na Umbanda em todo o país, ganham no Nordeste contornos específicos, ligados às narrativas locais de resistência e ancestralidade. O sincretismo se manifesta não apenas na identificação Orixá-Santo, mas na própria composição das linhas de trabalho espiritual, onde entidades da Jurema e da Umbanda podem atuar conjuntamente, refletindo a dinâmica de trocas e reinterpretações culturais.

A Quimbanda, por sua vez, representa o polo talvez mais marginalizado e estigmatizado desse campo religioso. Frequentemente associada à “magia negra” e ao trabalho com Exus e Pomba Giras em sua faceta mais transgressora, a Quimbanda também compõe esse universo afro-indígena nordestino. Sob a ótica de autores como Rufino (2017), que pensa Exu e a encruzilhada como potências de comunicação e transformação, a Quimbanda pode ser compreendida para além dos estereótipos. Suas práticas, que envolvem desde a proteção até o ataque espiritual, podem ser interpretadas como tecnologias de enfrentamento em contextos de extrema adversidade e conflito, mobilizando forças espirituais para a defesa e a afirmação de poder daqueles que foram historicamente despossuídos. A relação entre Umbanda, Jurema e Quimbanda no Nordeste não é de separação estanque, mas de um continuum de práticas e saberes que se interpenetram e se complementam, muitas vezes dentro de um mesmo terreiro ou pela trajetória de um mesmo praticante.

O sincretismo nesse contexto transcende a mera justaposição de elementos. Trata-se de um processo ativo de “antropofagia cultural”, nos termos de Oswald de Andrade, onde as tradições afro-indígenas “devoram” e reelaboram elementos externos, inclusive do catolicismo dominante, para fortalecer suas próprias cosmologias e práticas. A presença de santos católicos nos altares (congás), as rezas e ladainhas incorporadas aos rituais, e a própria arquitetura simbólica que mescla cruzeiros, imagens de santos, pombas e elementos da natureza, evidenciam essa complexa dinâmica de tradução cultural (ASSUNÇÃO, 2009). Essa capacidade de diálogo e incorporação pode ser vista como uma estratégia de sobrevivência, permitindo a continuidade das práticas sob o disfarce católico em períodos de intensa perseguição, mas também como uma afirmação de uma cosmopolítica própria (SANTOS, 2014; VIVEIROS DE CASTRO, 1996), que não se submete às dicotomias ocidentais e reconhece a multiplicidade de forças e saberes que habitam o mundo.

As práticas culturais dessas religiosidades são eminentemente voltadas para a vida, o cuidado e a resolução de problemas cotidianos. Os rituais de cura com ervas, banhos, defumações e passes energéticos; as consultas aos guias espirituais para orientação e aconselhamento; os trabalhos de proteção e abertura de caminhos; e as festas comunitárias que celebram os Orixás, Encantados e guias, são todas expressões de tecnologias espirituais voltadas para a manutenção do equilíbrio individual e coletivo. Essas práticas, muitas vezes desqualificadas como “magia” ou “superstição” pelo pensamento hegemônico, constituem, na verdade, saberes ancestrais sobre o corpo, a mente, o espírito e a relação com o ambiente, operando como verdadeiras “farmácias vivas” e espaços terapêuticos para comunidades frequentemente desassistidas pelo Estado (CARNEIRO, 2019; RUFINO, 2020).

Resistência Cultural e Estratégias na Herança Afro-Brasileira

As religiosidades afro-indígenas no Nordeste, com suas complexas dinâmicas de sincretismo e suas ricas práticas culturais, não podem ser compreendidas apenas em sua dimensão espiritual ou social; elas são, fundamentalmente, espaços de resistência cultural e política. Em um país marcado pela violência da colonização, pela brutalidade da escravidão e pela persistência do racismo estrutural, a manutenção e a reinvenção dessas tradições representam atos contínuos de enfrentamento e afirmação identitária. As estratégias mobilizadas por praticantes de Umbanda, Jurema Sagrada e Quimbanda são múltiplas e operam em diferentes níveis, desde a preservação da memória ancestral até a produção de saberes contra-hegemônicos.

Primeiramente, essas religiões funcionam como guardiãs da memória e da ancestralidade afro-indígena. Em um contexto onde a história oficial buscou apagar ou folclorizar as contribuições desses povos, os terreiros e espaços rituais se tornam locais de transmissão oral de conhecimentos, narrativas e valores que conectam as gerações presentes aos seus antepassados. Os Pretos-Velhos na Umbanda, os Mestres e Mestras na Jurema, os Caboclos em ambas, são mais do que entidades espirituais; são personificações da sabedoria acumulada, da experiência de luta e da resiliência dos que vieram antes. Cultuá-los é manter viva a memória da diáspora africana e da resistência indígena, é reconhecer a força e a dignidade daqueles que foram submetidos à desumanização (CARNEIRO, 2019; NOGUEIRA, 2024]). A própria estrutura comunitária dos terreiros, baseada em laços de parentesco religioso e solidariedade, recria formas de organização social que remetem a modelos africanos e indígenas, resistindo à fragmentação imposta pelo sistema colonial e capitalista.

Em segundo lugar, as práticas rituais e as cosmologias afro-indígenas constituem uma forma de resistência epistêmica, desafiando a hegemonia do conhecimento ocidental e afirmando outras formas de saber e de relação com o mundo. Como argumenta Boaventura de Sousa Santos (2014), o pensamento abissal relegou os saberes não-europeus à condição de crença ou magia, negando sua racionalidade e validade. As tecnologias espirituais de cura, adivinhação e manipulação de energias presentes na Umbanda, Jurema e Quimbanda representam sistemas de conhecimento complexos sobre a natureza, o corpo e o espírito, que foram historicamente perseguidos, mas que continuam a oferecer respostas e soluções para as comunidades. A valorização do corpo como locus de conhecimento, a importância da intuição, do sonho e do transe como vias de acesso a outras realidades, e a compreensão

do mundo como animado por forças espirituais (VIVEIROS DE CASTRO, 1996) contrapõem-se diretamente ao racionalismo cartesiano e ao materialismo científico dominantes. Nesse sentido, praticar essas religiões é também um ato de insurgência epistêmica, uma afirmação da validade de outras cosmopolíticas.

O sincretismo, como discutido anteriormente, também pode ser lido como uma sofisticada estratégia de resistência. Ao incorporar e ressignificar elementos do catolicismo, as religiões afro-indígenas não apenas garantiram sua sobrevivência em tempos de perseguição, mas também demonstraram uma notável capacidade de agência e criatividade cultural. Essa “arte da dissimulação” permitiu que os saberes ancestrais fossem preservados sob uma fachada aceitável pela sociedade dominante, ao mesmo tempo em que subvertiam e transformavam os símbolos impostos. A figura de Exu, por exemplo, frequentemente sincretizado com o diabo católico, pode ser interpretada, na perspectiva de Rufino (2017), não como a encarnação do mal, mas como o princípio da comunicação, da transformação e da quebra de normas – uma força essencial para a resistência e a reinvenção cultural em contextos de opressão.

Além disso, as práticas mágicas e de cuidado presentes nessas religiões oferecem estratégias concretas de enfrentamento às adversidades impostas pelo racismo e pela exclusão social. Os “trabalhos” espirituais para proteção, abertura de caminhos, saúde e prosperidade são recursos mobilizados por indivíduos e comunidades para lidar com a violência, o desemprego, a doença e outras mazelas que afetam desproporcionalmente a população negra e indígena. Longe de serem meras fugas da realidade, essas práticas representam formas de agência e de busca por bem-estar em um mundo que lhes nega direitos e oportunidades. O “encantamento”, como propõe Rufino (2020), torna-se uma política de vida, uma forma de produzir saúde, alegria e potência em meio a um sistema que promove a morte e o desencanto. A cura através das ervas, dos banhos e da intervenção dos guias espirituais representa um sistema de saúde popular que complementa ou substitui o sistema oficial, muitas vezes inacessível ou ineficaz para essas populações.

Por fim, a própria existência e visibilidade crescente dessas religiões no espaço público, apesar da intolerância e da perseguição que ainda sofrem, é um ato de resistência política. A luta pelo reconhecimento da Jurema como patrimônio imaterial, a organização de movimentos em defesa da liberdade religiosa e contra o racismo religioso, e a crescente produção acadêmica e cultural sobre esses temas demonstram a vitalidade e a capacidade de articulação política dessas comunidades. Ao afirmarem suas identidades e práticas, os adeptos da Umbanda, Jurema e Quimbanda no Nordeste não apenas preservam uma rica herança cultural, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais plural, justa e antirracista, desafiando as estruturas de poder e conhecimento que historicamente buscaram silenciá-los.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, buscamos analisar as complexas dinâmicas que envolvem a Umbanda, a Jurema Sagrada e a Quimbanda no contexto do Nordeste brasileiro, compreendendo-as não apenas como manifestações religiosas, mas como potentes estratégias culturais de sincretismo e resistência na herança afro-brasileira. A análise, fundamentada em um diálogo entre o material e um referencial teórico que valoriza as

epistemologias do Sul e o pensamento afro-indígena, permitiu lançar luz sobre a riqueza e a agência presentes nessas práticas, muitas vezes marginalizadas ou folclorizadas.

Constatamos que o Nordeste se revela um espaço singular onde as heranças africanas e indígenas se entrelaçam de forma particularmente intensa com o catolicismo popular, gerando configurações religiosas como a Jurema Sagrada, que dialoga e se mescla com a Umbanda e a Quimbanda. O sincretismo, longe de ser um processo passivo de aculturação, manifesta-se como uma contínua reelaboração criativa, uma “antropofagia” que permite a apropriação e ressignificação de elementos externos para fortalecer as cosmologias e identidades próprias. Essa dinâmica evidencia a capacidade de agência dos sujeitos e comunidades na negociação de suas identidades em contextos históricos de opressão.

A articulação teórica com autores como Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Viveiros de Castro, Sueli Carneiro, Luiz Rufino e Renato Nogueira foi crucial para desvelar a dimensão epistêmica e política dessas religiosidades. Compreendê-las a partir das “epistemologias do Sul” (SANTOS, 2014) e do “perspectivismo ameríndio” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996) permitiu reconhecer seus saberes como sistemas de conhecimento válidos, contrapondo-se ao “epistemicídio” (CARNEIRO, 2019) promovido pela colonialidade. As práticas de cura, o contato com os ancestrais e encantados, e as tecnologias espirituais de cuidado e proteção emergem, assim, não como “magia” irracional, mas como saberes corporificados e estratégias de re-existência e “encantamento” (RUFINO, 2020) frente a um mundo que busca desencantar e controlar.

Argumentamos que a Umbanda, a Jurema e a Quimbanda no Nordeste funcionam como espaços vitais de resistência cultural. Elas preservam a memória ancestral, desafiam a hegemonia epistêmica ocidental, oferecem redes de solidariedade e cuidado comunitário, e fornecem ferramentas simbólicas e práticas para o enfrentamento do racismo estrutural e das adversidades cotidianas. A manutenção dessas tradições, apesar da contínua perseguição e intolerância religiosa, representa um ato político de afirmação da identidade afro-indígena e de luta por reconhecimento e direitos.

Este trabalho, buscou contribuir para a valorização e compreensão dessas importantes manifestações da cultura brasileira. Reconhecemos, contudo, as limitações inerentes a um estudo baseado em revisão bibliográfica e a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem, por meio de estudos etnográficos, as especificidades regionais dessas práticas no vasto território nordestino, as transformações contemporâneas diante da globalização e das novas mídias, e o diálogo dessas religiosidades com outros movimentos sociais e lutas por direitos. A herança afro-brasileira, em sua vertente nordestina, continua a ser um campo fértil para investigações que busquem descolonizar o olhar e reconhecer a potência criadora e política dos saberes subalternizados.

Referências

ASSUNÇÃO, Luiz. Jurema, a árvore sagrada. *Blog Luiz Assunção*, 12 jul. 2009. Disponível em: <https://lassuncao.blogspot.com/2009/07/jurema-arvore-sagrada.html>. Acesso em: 30 maio 2025.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1978.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; RODRIGUES, Michelle Gonçalves. Caminhos da visibilidade: a ascensão do culto à jurema no campo religioso de Recife. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 47, p. 269-291, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/NhYg6vqM7ZkkGFjhDjzMPxf/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

NOGUEIRA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, nov. 2011. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/revistaabpn/article/view/1168>. Acesso em: 30 maio 2025.

PRANDI, Reginaldo. *Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RUFINO, Luiz. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10434>. Acesso em: 30 maio 2025.

RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Morula Editorial, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre as Religiões Afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, out. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/Jz73tFk5kyG4TfgFnCV9ZDR/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2025.